

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.017](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.017)

# OS PROCESSOS PEDAGÓGICOS E RELACIONAIS CONSTITUÍDOS DURANTE A PANDEMIA: ESTUDANTES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

**Robélia Aragão da Costa**

Pedagoga, Coordenadora Pedagógica, Mestranda em Educação e integrante do Grupo de Pesquisa Observatório de Educação na Universidade de Caxias do Sul (UCS) – RS, racosta3@ucs.br; robeliaaragaoprofissional@gmail.com

**Andréia Morés**

Profa. Dra. Andréia Morés Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área do Conhecimento de Humanidades, Universidade de Caxias do Sul (UCS) – RS, anmores@ucs.br

## RESUMO

Este texto analisa a experiência vivenciada pela Coordenação Pedagógica relacionada ao primeiro ano da Pandemia/covid19, com o intuito de evidenciar a sua atuação no estabelecimento de vínculos entre os estudantes e a escola pública de Ensino Médio do interior da Bahia, considerando os processos pedagógicos e relacionais. Focaliza o processo pedagógico e relacional em que os sujeitos envolvidos foram expostos às situações atípicas, usando novos recursos, novas estratégias e ferramentas tecnológicas a fim de que os diálogos ocorressem de maneira remota e em diferentes níveis. O estudo caracteriza-se como sendo qualitativo. Apresenta, contextualmente, as ações realizadas junto aos estudantes, contribuindo para um repensar acerca dos tempos e espaços institucionalizados, assim como assinala a importância de um trabalho colaborativo de modo que acolham uns aos outros, de tal maneira que se sintam pertencentes e pertencidos num espaço inesgotável de aprendizagem, de (re) encontros – a escola.

**Palavras-chave:** Processos pedagógicos e relacionais, Tecnologia e educação, Educação emocional, Estudantes.

## CONVERSA INICIAL

O presente texto constitui-se como uma visita a uma das dimensões das vivências profissionais, pedagógicas e relacionais de uma Coordenadora Pedagógica numa instituição escolar pública de Ensino Médio durante o período da Pandemia/covid19, especificamente, no exercício de 2020. O relato dessa vivência surgiu da necessidade de evidenciar a atuação do coordenador pedagógico, enquanto colaborador da manutenção do vínculo entre a instituição escolar e os estudantes, segmento que se encontrava distante, presencialmente, do/no contexto escolar devido à pandemia. Almeja-se que ao longo da leitura fique perceptível o misto de questões axiológicas, ontológicas e psicológicas manifestadas neste processo pedagógico e relacional, visto que os sujeitos envolvidos foram expostos às situações atípicas no âmbito educacional, usando novos recursos, novas estratégias e ferramentas tecnológicas, a fim de que os diálogos ocorressem de maneira remota e em diferentes níveis.

Primeiramente, enfatizamos que estamos falando de pessoas, de vidas contextuais. Vidas humanas pertencentes e pertencidas a um dos municípios situado num dos 27 Territórios do estado da Bahia, cuja população estimada é de 27.047 habitantes (IBGE/2020). Vidas humanas, identidades em construção, pertencentes às famílias com condições estruturais, sociais, econômicas e culturais diversas. Pessoas humanas, cujo enfoque principal neste texto é a coordenação pedagógica e os estudantes de Ensino Médio de um dos colégios da rede estadual de ensino da Bahia. Esse colégio público se deparou com alguns desafios, por conta da suspensão das aulas presenciais, provocada pelo planejamento e o desenvolvimento de ações articuladas e inerentes ao combate a Pandemia/covid19.

Diante disso, algumas ações foram desenvolvidas por integrantes da comunidade educativa para não distanciar a escola da comunidade, a coordenadora pedagógica encontrava-se nesse grupo. Essa concentração de esforços merece destaque e estudos, pois os desafios educacionais e profissionais eram grandes. Portanto, a escolha representativa de um desses - a Coordenação Pedagógica - para integrar a composição deste estudo é justificada

pela construção dos processos pedagógicos e relacionais, pela atuação junto aos estudantes. Pontua-se que as relações humanas não se restringiam apenas a esses citados – estudantes e coordenadores – porque ocorreram ações colaborativas, que também envolveram outros profissionais, a saber, a direção, os professores, os servidores de apoio e administrativo. O recorte feito é por conta da intencionalidade do estudo, com base nos objetivos e por meio da investigação qualitativa.

A escolha deste tipo de pesquisa ocorre em prol do enriquecimento dos relatos sobre os **tempos acelerados** e os **espaços repensados**, nos quais a presença do coordenador pedagógico foi precisa para que os elos com os estudantes não se quebrassem. Situações e pessoas, que não devem ser ignoradas pelos motivos a ser expostos ao longo deste texto e pelos momentos inquietantes, que impulsionaram tantas perguntas, dentre essas, a principal: **A atuação da coordenação pedagógica é importante para o processo de construção de vínculo entre a escola e os estudantes?** Essa desdobrada em: **Quais atitudes tomadas expressam a relação estabelecida entre a coordenação pedagógica e os estudantes nesse período de Pandemia? Quais os desafios e os enfrentamentos revelados neste processo de estabelecimento de vínculo entre a escola e o segmento estudante?**

Portanto, faz-se necessário o registro desta experiência vivida em situações atípicas, que proporcionaram aprendizagens múltiplas. Neste caso, escrito sob a ótica da coordenadora pedagógica, que em diálogos com leituras fundantes, cujas autorias são, desde já, anunciadas: Nóvoa (2021, 2022), Morin (2020), Moran (2019), Pacheco (2012), Almeida (2012), Miranda (2008), Boff (1999) e Lucca (2001).

## O PROVOCATIVO CENÁRIO

O século XXI já vinha apresentando desafios, especialmente, no âmbito da educação e com a chegada inesperada da Pandemia/covid19, esses foram fortemente acentuados em todo o mundo. No mês de março do ano de 2020 surgem as divulgações dos primeiros casos de covid19 pelos órgãos de saúde e difundidos pela mídia em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Propõe-se, em meio

a polêmicas, o distanciamento social, que ocasionou a paralisação de vários serviços, incluindo os ofertados no âmbito da educação.

As escolas brasileiras foram fechadas. A Portaria n.º 544, do Ministério da Educação, 16 de junho de 2020, dispôs que as aulas presenciais poderiam ser substituídas por aulas em meios digitais, como uma alternativa encontrada de não propagar a covid19 (BRASIL, 2020). As escolas da rede estadual do Estado da Bahia não deixaram de atender a essas prerrogativas, interromperam as aulas presenciais, porém não ofertaram o ensino, inclusive nos formatos remoto e híbrido amparadas pelo Plano de Estudo para Ação Emergencial durante a vigência dos Decretos n.º 19.529/20 e de n.º 19.549/20 do Governo da Bahia (BAHIA, 2020a, BAHIA, 2020b). Por conseguinte, outros atos legais foram publicados mantendo o posicionamento com argumentos voltados para o não reforço à exclusão, já que muitos estudantes não teriam as condições efetivas de participar das atividades letivas e alcançar a aprendizagem esperada.

Os sujeitos integrantes das comunidades educativas das escolas estaduais da Bahia, ainda, atônitos viram suas rotinas interrompidas abruptamente. Os gestores, coordenadores pedagógicos, professores, servidores de apoio e administrativo buscavam alternativas para a continuidade de ações, enquanto os estudantes procuravam saber quais medidas seriam tomadas para a continuidade dos estudos. Esses integrantes dos contextos escolares ficaram tentando encontrar meios para não perder o vínculo com os estudantes. Logo, a laboração da Coordenação Pedagógica fora essencial nesse contexto.

No caso do colégio escolhido como contexto dessa pesquisa, a referência à coordenação pedagógica é justificada porque desde o início da suspensão das aulas presenciais, essa se tornou uma das personagens centrais no planejamento, desenvolvimento e na execução das ações de sensibilização, mobilização e escuta junto à comunidade educativa, especialmente, junto aos estudantes. Destaca-se que segundo os dados do Sistema de Gestão

Escolar (2020)<sup>1</sup>, esse contexto contemplava aproximadamente o atendimento aos 780 estudantes dos 1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Médio, residentes nas zonas, rural ou urbana, distribuídos nos três turnos, elevando o grau de desafios para dá continuidade ao acolhimento desses, já que ocorreram poucas aulas no início do ano letivo.

A tarefa não foi fácil, mesmo com o apoio da Direção, pois as vidas humanas estavam vulneráveis frente ao inexplicável vírus. Para não esquecer, as vidas humanas apresentam subjetividades; portanto, os estudantes foram percebidos enquanto sujeitos integrais, cujos aspectos são indissociáveis – a cognição, afetividade, razão e emoção. Partimos do ponto sobre aprender a lidar com as próprias emoções, por conta das incertezas, pois havia a necessidade de transmitir tranquilidade, seriedade e consistência no contato remoto com os estudantes. O enfrentamento era constante – pela imprecisão de respostas quanto aos prazos de retomada das aulas presenciais, remotas ou híbridas; pela interrupção de desenvolvimento das ações pensadas pela escola e pelo comportamento do vírus estudado pelos cientistas.

Afinal, em meio às discussões, especialmente, as políticas, sobre a validação social ou não sobre os encaminhamentos apontados pela Ciência, o medo invadiu o íntimo de muitos, pois o índice de transmissibilidade da covid19 se dava velozmente, podendo agravar o quadro clínico dos contaminados e provocar a morte, já que não havia sequer a vacina. A recomendação mais assertiva para àquele momento fora o distanciamento social, isso afetou, enormemente, as várias dimensões humanas em diferentes níveis, a depender das situações **socioeconômico-psicológicas**<sup>2</sup> (grifo nosso) dos sujeitos, e também da ótica do olhar lançado às experiências constituídas nesse contexto pandêmico. As instituições escolares e os sujeitos que a tornam vivas não ficaram de fora dessa medida recomendada pelos órgãos da saúde. A fala a seguir é pertinente para esse cenário: “O medo compreende uma fuga do perigo. A situação essencial

1 O Sistema de Gestão Escolar (SGE) constitui-se em uma ferramenta gerencial para a rede pública estadual de ensino da Bahia, usado até meados do ano letivo de 2022. <http://sge.educacao.ba.gov.br/>

2 Termo atribuído as questões, situações, circunstâncias e aos aspectos sociais, econômicos e psicológicos que afetaram as vidas das pessoas.

é que exista uma condição ameaçadora a nossa pessoa e o fato fundamental é que nos sentimos sem poder ou capacidade para dominar a ameaça”. (LUCCA, 2001, p.49)

Estávamos, e ainda estamos todos aprendendo a lidar com as ameaças – o medo de contrair a covid19 e ser atingido por suas complicações; o medo da ocorrência do abandono escolar desenfreado dos estudantes durante e pós o ano letivo de 2020; o medo da sobreposição do trabalho infantil devido ao número elevado de desemprego, minimizando a obrigatoriedade do acesso e da permanência na escola. Questões cruciais que careciam/carecem de intervenções que vão além da pedagógica.

A partir daí, as ações foram planejadas, conduzidas e realizadas, usando os recursos tecnológicos e as ferramentas, a fim de que os vínculos citados fossem estreitados, ainda que não da maneira com a qual estivéssemos acostumados. Parafraseando Nóvoa (2022, p.25) estas práticas não devem se perpetuar no tempo, pois a educação exige relação e interação entre as pessoas e não se faz em contextos de isolamento e de “distanciamento social”.

## OS PROCESSOS PEDAGÓGICOS E RELACIONAIS: VÍNCULOS, TEMPOS E ESPAÇOS

Iniciemos, conceituando a palavra **vínculo**, de modo que seja compreendida a relevância do mesmo para a constituição processual de ligação entre a coordenação pedagógica e os estudantes mediante uma comunicação significativa. Borba (2011, p.1432) diz que **vínculo** é “relação formal [...] relacionamento, ligação [...]”. Logo, pergunta-se que: **Que tipo de relação, de relacionamento e ligação? Com quem, com o quê, etc.?** Também Borba (2001, p. 1044) diz que pedagógico refere-se à “Pedagogia; de Ensino; Educacional [...] que visa ao ensino; destinado ao ensino; cuida do ensino [...]”.

Diante disso, vale esclarecer que este trabalho trata de **processos pedagógicos e relacionais**, que incluem os **vínculos** estabelecidos entre a coordenação pedagógica e os estudantes, pois ambos são sujeitos sociais que anseiam por cuidado, troca de aprendizagem, contato, olhares, toques, palavras, apoio e segurança desde o início das vidas de modo que sobreviva ao longo da mesma. Destarte, esses **processos** e os **vínculos** citados estão



associados às questões não apenas de natureza pedagógica, mas também às de natureza axiológica, ontológica e psicológica, pela adoção conceitual de sujeito integral (indivíduo multidimensional)<sup>3</sup> perpassando o currículo escolar. Isso em diálogo com Boff (1999) por apresentar o cuidado voltado para a sociabilidade humana. E também observando as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica que estabelecem:

A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção 'transgressora', porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional (BRASIL, 2013, p. 25).

A importância do estabelecimento desses processos e vínculos com os estudantes adolescentes/ jovens, num momento de distanciamento presencial, aprimorou o esforço para reconhecer quem é o ser humano por trás daquele Registro de Matrícula (RM). O estudante passa a ser percebido para além do sujeito que precisa aprender os conhecimentos clássicos do currículo, porque no que tange aos aspectos biológicos o objetivo principal é a sobrevivência, enquanto aos aspectos psicológicos são as relações afetivas, os ontológicos referem-se à essência do ser, os axiológicos trazem o viés filosófico sobre os valores predominantes e/ou escolhidos na/ para a sociedade. Contribuindo, Miranda (2008, p. 2): "[...] o fator afetivo é muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento, pois por meio das relações afetivas o aluno se

3 A educação para o desenvolvimento integral visa que todos/todas e cada um/uma sejam intencionalmente estimulados, nutridos, assistidos e reconhecidos em todas suas múltiplas dimensões: físicas, sociais, culturais, intelectuais e emocionais. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/conceito/> Acesso em 18 jul. 2022.

desenvolve, aprende e adquire mais conhecimentos que ajudarão no seu desempenho escolar.”

Os documentos, a exemplo, dos aportes legais, que dispõem a respeito da Pandemia, bem como a mídia, apresentam o termo **distanciamentos sociais**<sup>4</sup>, que abrangem diversos tipos de medidas a fim de reduzir a circulação de pessoas nos espaços coletivos e públicos (ruas e praças) ou privados (*shoppings, shows, etc.*); ressalta-se que neste texto será abordado como **distanciamento presencial**, uma vez que socialmente houve uma procura de meios que possibilitassem a continuidade e/ou o resgate de comunicação entre as pessoas, até com aquelas que por circunstâncias diversas estavam distantes umas das outras, inclusive geograficamente. Para tanto, a busca de alternativas de contato - conexão entre os sujeitos - tornou-se uma prioridade, encontrando-as neste mundo globalizado e tecnológico, a exemplo, do uso de ferramentas e recursos tecnológicos, cuja finalidade era a manutenção de diálogos entre os sujeitos, por conseguinte, diminuir a dolorosa solidão (psicológica e pedagógica) em tempos velozes e espaços ressignificados para a aprendizagem. Elementos tecnológicos, infelizmente, nem tão acessíveis a todos, mas contemplados nas pautas referentes ao currículo escolar não para substituir a oferta presencial de ensino, mas para ampliar as possibilidades metodológicas. Esse currículo escolar visto enquanto norteador das práticas pedagógicas e educacionais da escola. Segundo Pacheco (2012, p.26):

Escola é uma construção social, currículo e reflete ideologia. Até há pouco tempo e executando algumas esparsas experiências, a Educação escolar era entendida como treinamento no domínio cognitivo, sendo ostracizadas as dimensões do afeto, da emoção e até mesmo da espiritualidade. Ignorava-se que currículo não é apenas conteúdo, mas também múltiplas experiências proporcionadas ao aluno. Entre elas, a aprendizagem da autonomia.

4 É a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade que visa diminuir a velocidade de transmissão do vírus. Disponível em: [https://unipampa.edu.br/portal/sites/default/files/covid\\_informativo\\_1.pdf](https://unipampa.edu.br/portal/sites/default/files/covid_informativo_1.pdf). Acesso em: 21 maio 2022.



O papel da escola torna-se pauta, o seu sentido de existência também, trazendo a necessidade de nos conhecer com mais profundidade assim como o outro, não apenas nos aspectos objetivos, mas também os subjetivos. Acentua-se como um espaço situado, de aprendizagem e de convivência. Seu currículo transcende as paredes e os muros e a sua finalidade em permanente reconstrução.

Num contexto vulnerável carregado de incerteza em decorrência das ações em combate a pandemia, num movimento contrário ao que vinha desqualificando a importância da escola, reacende a discussão sobre a relevância da educação e a escola para aprendizagem e as relações de convivência. Isso nos aproxima de Nóvoa (2022, p.14), "a educação não se reduz apenas às aprendizagens, e não se podem ignorar as dimensões de socialização e de convivialidade."

Neste ínterim, a população brasileira e a mundial foram orientadas a "ficar em casa" e a usar protocolos de biossegurança, dentre esses, o álcool em gel, a máscara, etc., para evitar a proliferação da covid/19 e a elevação dos números/casos de morte. Portanto, é válido trazer a fala de Edgar Morin (2020), no artigo Um Festival de Incerteza:

Não sabemos quando a epidemia refluirá ou se o vírus permanecerá endêmico. Não sabemos até quando, nem até que ponto, o confinamento nos submeterá a proibições, restrições, racionamentos. Não sabemos quais as consequências políticas, econômicas, nacionais e planetárias das restrições causadas pelos confinamentos. Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou uma mistura dos dois: caminhamos na direção a novas incertezas (MORIN, 2020, sem paginação).

Os nossos estudantes também vivenciaram isso, acompanhavam através da mídia, as notícias dos casos de mortes, inclusive das localidades onde viviam/vivem. Ficaram cientes de que pessoas próximas, e até os familiares partiram deixando as dores da perda para os entes queridos. Eles, diante desse cenário, ora não acreditavam nos perigos do vírus impulsionados pelos discursos negacionistas, ora se trancavam em casa e dentro de si. Todavia, ambas as situações impregnadas de medo, tornando interessante

o dito por Lucca (2001, p.49) "Precisamos fazer aqui uma diferença entre medo e precaução (prudência), pois costumamos confundir-los e achar que são uma coisa só. Ou, se você entender melhor, com medo biológico(precaução) e medo psicológico".

Logo, atitudes extremas tendem a ocorrer, a falta de precaução e/ou o isolamento depressivo. Assim, em meio ao caos onde a ciência foi colocada em descrédito, os momentos e as sensações de perdas invadem as vidas dos estudantes e profissionais, as perdas do acesso aos espaços frequentados (como a escola) e as perdas de pessoas para a morte. E o quão difícil é o desapego, não nos ensinaram a lidar com as partidas, com as reconstruções sociais de espaços e tempos, e a sentir a vida ao longo da nossa existência. Ainda para Pacheco (2012, p.27):

Nas escolas ensina-se quase tudo exceto a saber viver para saber morrer. Tanatologia ensina o aprender a morrer, mas nunca estamos preparados para perdas e lutos. Quando um ser querido se vai para sempre, morremos para ele. E é fato que nunca nos ensinaram a desaparecer...

Por não trabalharmos essas questões, considerando Pacheco (2012), o desapego (um dos valores apresentados) é difícil diante das perdas das pessoas, momentos e coisas, pois, não aprendemos a saber viver nem tampouco a morrer. Isso não significa a desconsideração ao sentimento e aos valores do outro, e sim, um alerta para a compreensão do sentido da vida. Apresenta-se como importante posicionamento que assumamos o cuidado, porque essas questões envolvem outras esferas, setores, instituições e pessoas, mas que a escola através de seus profissionais e colaboradores não deve desconsiderar as situações vulneráveis vivenciadas pelos seus estudantes que carecem de muito cuidado.

Como imperativo, assumamos o que traz o Boff (1999, p.33), "Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro". A atitude é geradora de muitos atos, que como diria o último autor citado, de "benquerença". Nessas circunstâncias, que fez, em simultâneo, impulsionar o debate de valorização

da ciência e o zelo para não cientificar friamente as atitudes humanas – o respeito à própria existência e ao doutro direcionou vários posicionamentos institucionais e pessoais. Percebe-se que a popularização da pauta científica, fez com que a ciência saísse da **caixa acadêmica** e alcançasse as inúmeras residências por meio das mídias/meios de comunicação, mas acompanhada de olhares para os atos humanos, considerando as dores expostas em larga escala.

Sentir que há pessoas que se interessa por quem você é, com aquilo que representa e o que vir a se tornar no futuro, pode mudar os passos dados nesta caminhada escolar e da vida, em especial, nestes tempos e espaços desafiantes. Para tanto, contar com a existência e a presença de profissionais, que além da formação acadêmica exigida, sejam sensíveis às causas de vulnerabilidade, que tenha cuidado com si mesmo e com o outro é um ganho institucional gigantesco. Convém enfatizar, que isso comunga com o dito por Boff (1999):

Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre virá acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado com um *modo-de-ser* essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada (BOFF, 1999, p. 34).

Entende-se que o cuidado abarca a natureza e o processo de constituição do ser humano. Sem o devido cuidado o ser humano não sobrevive; portanto, o apoio da escola para externar esse cuidado torna-se importante para que, ao longo do distanciamento presencial, os sujeitos que compõe a escola, compreendam a partir de Boff (1999), que o mesmo é a essência humana enquanto humana. O apoio dado ao estudante é/foi significativo, aquele representado pela atuação da coordenação pedagógica, profissional do Magistério, cujas atribuições contemplam, dentre tantas ações, as que aperfeiçoem as relações interpessoais na comunidade escolar e a elaboração de ações e projetos de natureza especial. Parafraseando Almeida (2012, p.46), salientamos que as ações de cuidar no âmbito da relação pedagógica, exigem comprometimento

e disponibilidade para conhecer as necessidades do outro naquele momento, naquele contexto determinado.

Considerando o estudante de Ensino Médio acolhido pela escola, com faixa etária a partir dos 15 anos, fica evidente que há diferentes necessidades e buscas a outros pares e sujeitos para estabelecer elos afetivos, sociais e acadêmicos, que inclui também o coordenador pedagógico. Na verdade, atenção com os saberes e conhecimentos já construídos para pautar outros em construção, considerando as referências a respeito do desenvolvimento integral do estudante.

Mesmo que o espaço escolar não seja restrito ao endereço institucional, como ficou evidente na pandemia, a escola é um local onde o conhecimento é trabalhado mediante o estabelecimento com as relações interpessoais - o cuidado com o eu/com o outro. Essa teve que procurar acompanhar o **Tempo acelerado**, que trouxe para seu bojo a tecnologia como suporte de estabelecimento de diálogo e interação. Por conseguinte, redefinir os limites do seu ambiente, que lhes apresento como **Espaços repensados** para propiciar a aprendizagem e as relações, indo além do endereço físico para a oferta do ensino de modo excepcional, porque nenhum substitui o de natureza presencial - sujeitos juntos, ainda que em espaços diferentes, a depender das estratégias metodológicas, vivendo e sentindo a escola no contato com o outro, na (re) descoberta de conhecimentos. Para Nóvoa (2021) não devemos transformar o que foi necessidade de um momento para algo permanente.

Neste contexto, o estreitamento relacional da coordenação pedagógica junto aos estudantes para fins de trocas de informações, socializações de propostas de atividades elaboradas pelos professores, de escuta aos mesmos e aos seus familiares, permitiu a promoção de conexões entre os segmentos; um conjunto de ações e atividades, que se transformaram numa experiência intitulada, **Tempos de Conexão**<sup>5</sup>, considerada neste trabalho. Isso tudo com uso pertinente da tecnologia, a qual é tratada por Moran (2019, p.75), "As tecnologias são muito mais do que artefato e aplicativos:

---

5 O conjunto de ações articuladas desenvolvidas pela escola que foram sistematizadas num plano de ação intitulado Tempos de Conexão, cujo objetivo era promover a conexão com as pessoas, família e comunidade.

são ambientes de vida. Integram culturas e competências digitais: um mundo em que tudo se mistura, em que tudo está sempre ao nosso alcance, disponível para aprender, criar e compartilhar”.

As tecnologias são meio que devem ser usados pelas vidas humanas nos espaços escolares, sem desconsiderar as possibilidades de criação e autoria que podem ocorrer de modo colaborativo entre os sujeitos. Neste momento em que defender o uso da tecnologia na educação traz interesses diversos, nem sempre coerentes com os ideais e princípios da escola, principalmente a pública, é importante atentar ao que ainda diz Moran:

As redes são como “salas de aula” expandidas nas nossas telas, que podem nos ajudar a evoluir em todas as dimensões, mas também podem aumentar nossos preconceitos, dependências e alienação. São espaços educativos e cabe a escola, um uso mais consciente e integrado com os espaços educativos mais formais e assim conseguir os objetivos de educar para uma vida mais desafiadora e com maior propósito (MORAN, 2019, p. 81).

Em termos gerais, isso significa que uso dos recursos e das ferramentas tecnológicas não deve ser desconsiderado, porém, explorados junto aos estudantes, quando dominados pelos professores e pelas professoras através do processo formativo permanente que os instiguem à autoria e o uso ético, crítico e reflexivo dos materiais pedagógicos existentes.

## **AS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS, SITUAÇÕES INESPERADAS E AS MUDANÇAS DE ENCAMINHAMENTOS**

Em 2020, o colégio completou 20 anos de existência. O ano em que as portas dessa escola estavam abertas para celebrar essa data, atendendo aos estudantes matriculados nos turnos (matutino, vespertino e noturno) para a continuidade da oferta do Ensino Médio (em finalização) e o início de implantação das primeiras turmas vinculadas ao Novo Ensino Médio. Entretanto, devido à Pandemia, as aulas presenciais foram suspensas e visando manter os vínculos relacionais e pedagógicos entre os integrantes da

comunidade educativa, especialmente, os estudantes e familiares, algumas ações relacionadas aos âmbitos administrativos e pedagógicos foram desenvolvidas, as de principal interesse neste escrito as de natureza pedagógica.

Nesta perspectiva, a dimensão pedagógica, contempla as relações ocorridas entre os sujeitos, em especial, os estudantes e a coordenação pedagógica, associando as memórias da autora, as páginas virtuais institucionais e aos documentos da escola referente àquele ano letivo de 2020. Logo, foram realizadas buscas aos questionários aplicados, às observações das interações ocorridas entre estudantes e coordenadora constantes nos relatórios das ações apresentados no período.

Isso correlacionado ao levantamento bibliográfico realizado para fundamentar à escrita e ir além da descrição, provocando reflexões sobre a escola que temos e as relações que podemos estabelecer. Quer dizer, numa abordagem qualitativa tamanha a relevância social e científica, contribuir para os novos direcionamentos que podemos dar a educação depois da Pandemia, especialmente, no que tange às construções de saberes pautados nas relações humanizadas. Convém dizer que segundo Morés (2012, p. 87): “A investigação qualitativa proporciona uma maior aproximação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador, qualificando o estudo do cotidiano a ser investigado”. E, ainda, segundo Lüdke e André (2018), à luz de Bodgan e Blinken (1982), há considerações de que a pesquisa qualitativa leva em conta o ambiente natural sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, também que a preocupação maior é com o processo ao invés do produto. Elementos contemplados nesse trabalho.

O conjunto de ações desenvolvido, chamado de **Tempos de Conexão**, do ponto de vista pedagógico, permitiu que a escola mantivesse contato frequente com os estudantes e, indiretamente, com os familiares e colaboradores que cooperaram para a circulação das informações e orientações, até que alcançassem os primeiros. Isso para evitar o distanciamento dos estudantes com o contexto escolar, num período incerto, em que as pessoas exercendo os papéis – sejam de estudantes ou de profissionais não costumavam sair dos limitrofes dos espaços e tempos institucionalizados.



Ademais, as políticas públicas não ofereciam condições para facilitar esse movimento.

As relações entre os sujeitos ainda em processo de fortalecimento, haja vista a composição da equipe, cujos profissionais apresentavam os perfis, as vivências e os tempos de serviço distintos, sendo que dos 21 professores, 50% eram iniciantes naquele cenário escolar. Logo, a preocupação foi ampliada, pois, aprimorar as relações de vínculos relacionais e pedagógicos exige a atitude de pertencimento. Cabe, então, dizer que existe um desafio nas relações interpessoais e institucionais, já que segundo Lucca (2001, p.9), “A relação do homem consigo mesmo e do homem com outro homem, ainda nos é estranha e labiríntica, pois não nos confrontamos não nos observamos para realmente ter domínio daquilo que somos.”

Nota-se a ocorrência de vivências pedagógicas renovadas e inesperadas diante da mudança salutar de orientação às redes para o funcionamento da escola naquele período. À vista disso, a presença da coordenadora pedagógica manifesta-se nos processos pedagógicos e relacionais.

## **A PRESENÇA DA COORDENADORA PEDAGÓGICA NOS PROCESSOS**

Com ausência da obrigatoriedade da participação dos professores naquele ano de 2020 nas atividades remotas, a escola passou a contar com a colaboração solidária dos professores e da única coordenadora pedagógica integrante do Quadro do Magistério. Sob a mediação da desta e com o apoio da direção, alguns professores, inicialmente, colaboraram com a elaboração e o envio de atividades referentes aos componentes curriculares e/ou interdisciplinares, as quais eram compartilhadas com os estudantes pela profissional através de ferramentas e recursos pedagógicos. Atitudes tomadas, precipuamente, pela incerteza do retorno e também para manter do vínculo citado e a ocupação de tempos e mentes dos estudantes, de modo a evitar que os mesmos saíssem de suas residências para aglomerar noutros lugares.

Este cenário pandêmico demandou mais sensibilidade e, ao mesmo tempo, assertividade nos processos de atuação da

coordenação pedagógica. A coordenadora pedagógica esteve a acolher ao outro, se permitindo a: fazer o levantamento de todos os contatos telefônicos dos estudantes para a formação de grupos por série e orientar os líderes de classe para auxiliar no compartilhamento de orientações, atividades e acolhimento, inclusive para os demais estudantes que não possuíam telefone. Também foi estabelecida uma rede de apoio entre representantes das comunidades locais, parceiros institucionais e pessoas conhecidas dos estudantes, que pudessem fazer chegar às informações e orientações aos mesmos por contatos telefônicos, aplicativos de conversa e das redes sociais.

Os maiores **desafios** para propor situações favoráveis à aproximação com os estudantes foram: sensibilizar os professores sobre a importância do planejamento e o envio das atividades; vincular inicialmente todos os líderes de classe e estudantes colaboradores ao grupo da coordenação pedagógica/direção para socializar as orientações nos grupos das turmas/anos, e posteriormente, acolher aos demais contatados nos grupos *WhatsApp* e *Facebook*; orientar remotamente os estudantes sobre o uso das redes sociais e dos recursos tecnológicos; estabelecer as regras de comportamentos individuais e coletivos; receber as atividades enviadas pelos professores para serem postadas em diferentes formatos e acompanhadas de sequência didática; produzir material gráfico para serem distribuídos virtualmente aos estudantes, a saber, as “Pílulas de Afeto<sup>6</sup>”; reunir os estudantes, etc.

Além disso, ao longo do percurso, atender as demandas da SEC e aos envolvidos, já que careciam de escutas sensíveis para falar das dificuldades em lidar com os sentimentos e para acessar aos grupos virtuais por conta das questões de ordem financeira, social e tecnológica.

## ROMPENDO OS LIMÍTROFES DE TEMPOS E ESPAÇOS INSTITUCIONAIS ATRAVÉS DA TECNOLOGIA

Por conta da necessidade apresentada em decorrência das situações conflitantes e desafiantes desencadeadas pela Pandemia,

---

6 Mensagens virtuais com mensagens afetuosas destinadas aos estudantes e familiares socializadas virtualmente.

foram elencadas as possibilidades de ferramentas e recursos tecnológicos, que servissem como suporte para o restabelecimento da comunicação entre a escola e os estudantes, bem como funcionassem como uma espécie acessível de repositório de atividades e materiais pedagógicos e outros para fins de manifestação de afetos, ainda que a distância.

Haja vista, a popularização das redes sociais com mais efervescência no primeiro ano pandêmico, incluindo o uso dessas para fins educacionais, foi criado o grupo no *Facebook* vinculado à página institucional da escola para fins de socialização, compartilhamento de materiais e orientações de estudos, que pudessem ser acessíveis a todos os interessados, inclusive aos familiares e colaboradores de modo que os conteúdos postados alcançassem os estudantes residentes nos diversos lugares do município, considerando as zonas, urbana e a rural. Esse movimento envolveu, em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), além dos conhecimentos tradicionais e as aprendizagens essenciais, outros aspectos correlacionados às competências socioemocionais, porque contemplava o exercício do espírito colaborativo e solidário, o estímulo e a empatia. Esses de nenhuma forma menos importante que os elementos citados primeiramente, conforme evidenciado pela BNCC.

Nesse sentido, é digno de ressalvas o fato desse contexto pandêmico ressignificar as nossas concepções de tempos e espaços institucionalizados, por um movimento que por ora apresentava (e ainda apresenta) **Tempos acelerados** e **Espaços repensados**. Fala-se de “tempos acelerados” e os “espaços repensados”, porque demandas que poderiam ser atendidas, futuramente, através de planejamentos educacionais e escolares mediante apoios governamentais e da sociedade civil, foram escancaradas a partir da decretação da paralisação das atividades escolares presenciais.

O **tempo acelerado** trouxe o “futuro” para o contexto educativo via tecnologia, novas formas de suporte para o estabelecimento da comunicação e interação entre os sujeitos, especialmente, os educando e o corpo do magistério; os envolvidos tiveram que ousar experimentar ferramentas diversas e de uso ocasional no processo de ensino ao qual estamos acostumados, repensando de alguma maneira o discurso de que as formas tradicionais de comunicação/ interação/aprendizagem eram as únicas possíveis. Este “tempo

acelerado” também eclodiu as fragilidades sociais e econômicas dos nossos estudantes e das nossas escolas, pois, a sua velocidade impulsionada pela *internet* e pelos usos (ou não uso) dos instrumentos tecnológicos desvelou para o mundo o quanto as políticas públicas educacionais e as escolas não caminham no mesmo compasso das políticas tecnológicas e planetárias presentes na contemporaneidade. Segundo Nóvoa (2022, p. 16):

Ao longo do século XX, fizeram-se muitas reformas dos currículos, dos programas e dos métodos, mas ficaram intactos os ambientes educativos (por “ambiente” não me refiro apenas ao espaço físico, mas também à divisão do tempo, ao trabalho dos professores, à estrutura da sala de aula e da escola, etc.). A sua mudança é um dos pontos principais da metamorfose da escola.

Vidas invadidas, principalmente, para o atendimento aos estudantes, porque aparelhos telefônicos, computadores e *internet* de uso particular, por exemplo, da coordenação pedagógica, tiveram que ser usados para dar continuidade ao elo entre os segmentos da comunidade educativa. Vidas invadidas, porque familiares e alguns colaboradores desses estudantes disponibilizaram seus equipamentos pessoais para uso escolar dos estudantes.

“Espaços repensados” no que se referem aos ambientes propícios para aprendizagem, rompendo a ideia de que a “sala de aula física” é o único espaço adequado para o estudante aprender. Residências transformaram-se em extensões das escolas. Ambientes virtuais viraram salas de aulas e salas de reuniões, mesmo sem atender as prerrogativas da Educação a Distância. As redes sociais passaram a ser, também, “ambientes virtuais de estudo”, para fins de acolhimento, orientações e repositório de material. Os grupos foram formados no *WhatsApp* para atender aos alunos, familiares e responsáveis, professores, serviços administrativos e de apoio. A página de *Facebook*, respectivamente, o grupo vinculado à mesma, se transformaram em espaços de ensino-aprendizagem. As ferramentas do *Google Education*, como os *e-mails* institucionais, as pastas *drives*, formulários e questionários *on-line* foram compartilhados.

Considerando que a escola possuía aproximadamente 780 estudantes matriculados, segue o **Quadro1** para fins de facilitar a compreensão sobre quantos mantinham contato mais frequente e quais os recursos e as ferramentas tecnológicas usados.

**Quadro 1** – Uso dos recursos tecnológicos e pedagógicos e as suas finalidades mediadas pela Coordenação Pedagógica/2020

Recursos Pedagógicos	Ambientes Virtuais de Aprendizagem/ Relacional	Produção de Material	Público alvo/Finalidade
Facebook (Página e grupo)	- Página institucional da escola, Grupo de estudo vinculado à página	Professor Coordenação Pedagógica	Todos os segmentos da escola, especialmente, os estudantes e colaboradores para terem acesso as materiais pedagógicos, informações e manterem vínculo institucional.
WhatsApp	Grupos de estudantes por série, Grupo de líderes de classe, Grupo de monitoria, Grupo de Pais/Família da Escola, Grupo geral de Professores, Grupo de Professores por área de conhecimento, Grupo de Servidores de Apoio, Grupo de Servidores Administrativo.	Professor Coordenação Pedagógica Direção	Todos os Estudantes matriculados, líderes de classe de todos os anos/séries do Ensino Médio, Pais/Mães/Responsáveis Professores e servidores. Esses objetivando um contato mais fluído.
Google Education	E-mails, formulários on-line, slides, pastas drives, disponibilização de links.	Professor Coordenador Pedagógico	Estudantes matriculados, Pais/Mães/ Responsáveis, Professores e servidores para disponibilizar os recursos.

**Fonte:** Adaptado dos Relatos de Experiências da escola, de autoria própria (2020).

Apesar de termos em meados daquele ano letivo, cerca de 260 alunos participantes dos grupos virtuais institucionais, esse momento atípico expôs de modo qualitativo e quantitativo a dura realidade contextual, muitos estudantes não tinham seus próprios equipamentos tecnológicos, também não mantinham o acesso contínuo a *internet*, revelando a desigualdade social e econômica do nosso público-alvo. Segundo questionário aplicado pela escola,

mais de 50% dos familiares sobrevivam da renda do Programa Bolsa Família do Governo Federal.<sup>7</sup> O que nos faz repensar sobre a democratização da escola, considerando Nóvoa (2022, p.17): “Também não podemos esquecer que a escola é um bem público e um bem comum, isto é, que tem um propósito público, e não apenas privado, que tem um propósito comum, e não apenas individual.”

Estudantes, que não consideravam importante manter esse contato, apresentavam argumentos, do tipo: não usavam os próprios aparelhos e *internet* para fins de estudos; mesmo com o acesso ao equipamento e a *internet*, não conseguiam acompanhar as postagens e atividades; etc. A seguir, o **Quadro 2** relativo aos dados e as informações do quantitativo de alunos que procuravam estabelecer os processos e vínculos citados, recorrendo à *internet*.

**Quadro 02** – Informações sobre o acesso a *internet*

Quantidade	Situação
256	Totalidade de alunos participantes dos grupos de <i>WhatsApp</i> sob a mediação da coordenação pedagógica com o apoio da direção.
76	Totalidade dos estudantes sem acesso contínuo a <i>internet</i> .
243	Totalidade dos estudantes respondentes com acesso mais freqüente a <i>internet</i> , sendo própria ou emprestada.

**Fonte:** Relato de Experiência (2020).

Exemplarmente, as informações acima traduzem os relatos colhidos, a fala da **Aluna A**, do 1.º ano do Ensino Médio, comprova: “Coordenadora, eu não tenho celular. Estou atrasada nas atividades, mas minha tia vai me emprestar o celular dela que tem *internet*.” Outro estudante, **Aluno B**, do 3.º ano do Ensino Médio, traz a seguinte realidade, ao entrar em contato com a coordenadora pedagógica, no horário noturno, em pleno domingo: “Oi, coordenadora. Estou falando agora contigo, pois onde moro a *internet* não pega, tenho que vir até ao povoado para baixar a atividade.” Após, atendê-lo, eis o agradecimento: “Obrigado por sua atenção! Tava pensando em desistir.” Enquanto isso, um número significativo de estudantes,

7 Transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.



a exemplo, dos Líderes de Classe e Monitores de Estudos<sup>8</sup>, que conseguiam manter a rotina de estudo e relacional, usando a *internet*, interagiam nos grupos e socializando as informações com os demais da turma e/ou da localidade onde moravam.

Ressalta-se o quão fundante era essa escuta no momento em que o medo era expresso, as emoções estavam afloradas e as incertezas do retorno às aulas angustiavam a todos. Convém, a fala de Lucca (2001, p.49), “Temos necessidade de aprender a lidar com o medo para que nossa vida possa ter maior plenitude, uma dimensão mais universal, mais aberta”.

Por outro lado, a escola além da oferta do atendimento restrito ao público de modo geral, naquele momento, sem equipamentos tecnológicos em número suficiente e a ausência *internet* veloz para atender virtualmente as demandas pedagógicas, exigiu a busca de outras estratégias para chegar até ao universo do estudante. Remotamente, a coordenação pedagógica, recorrendo aos seus equipamentos tecnológicos e da rede de *internet* da sua residência, permaneceu exercendo suas atribuições, acolhendo as atividades propostas pelos professores colaboradores de diversas áreas de conhecimento para a disponibilização aos alunos através dos canais – *Facebook* e *WhatsApp* – e mantendo o vínculo com os segmentos da comunidade educativa, especialmente os estudantes e seus familiares e responsáveis.

Em termos gerais, manter uma rotina de estudo obrigatória mediante a disponibilização de um acervo totalmente digital a respeito dos conteúdos tradicionais escolares impossibilitaria muitos estudantes de participar das atividades escolares pela falta de tecnologia em seu cotidiano e de habilidades para usá-la. Diante disso, o objetivo principal era a manutenção de vínculo entre a escola e os estudantes, uso de diversas estratégias de comunicação e a validação de uma quase rotina de estudo, visto que já havia uma preocupação em evitar a ociosidade dos estudantes e a elevação da fragilidade emocional, ressaltando a não obrigatoriedade das ofertas das atividades remotas para cômputo dos dias letivos e da

---

8 Programa Mais Estudos da Rede Estadual de Ensino da Bahia para a seleção de estudantes monitores.

carga horária prevista no calendário de 2020, conforme as diretrizes da SEC/BA.

A atenção da família também foi primordial para acompanhar os estudantes na rotina de estudo, oferecendo alguns suportes para atender, por exemplo, a convocação da SEC/BA para verificar as atividades enviadas, adquirir o cartão individual do Vale-Alimentação Estudantil, etc. Tivemos pais, mães e responsáveis que corresponderam às expectativas, principalmente, no que tange ao acompanhamento aos filhos após integrarem, virtualmente, o grupo de Pais e acompanharem o grupo do *Facebook*, valendo informar que a movimentação atraiu a atenção dos órgãos da SEC-BA, que findou na divulgação das experiências escolares no sítio eletrônico e institucional da mesma.

Chegando a este ponto, vale dizer que o cuidado é essencial para o prosseguimento dos estudos e a busca para a realização de sonhos, metas, de projetos de vida dos estudantes do Ensino Médio, esses que precisam se sentir seguros e acolhidos, especialmente, num momento de pandemia. A tecnologia sozinha não faz isso, mas possibilita, enquanto recurso, alternativas para ocorrerem às manifestações de cuidado para consigo, e com o outro. O que foi relevante para a retomada das atividades letivas remotas no ano de 2021, sendo mais fácil contatar uma parcela do universo estudantil para fins de (re) matrícula. É muito atual o que diz Boff (1999, p.99):

Construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos a responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos.

Daí urge que externemos o *pathos*, o sentimento, a empatia, a dedicação para enriquecer, essencialmente, os laços; por isso começamos com as simples manifestações carinhosas e impulsionadoras de conversas junto aos estudantes, a exemplo, das Pílulas de Afeto (peças virtuais) compartilhadas nos grupos citados: “Que *emoji* é você?” (peças com carinhas de *emoji* para marcar a si mesmo e aos colegas), “Família, nossa maior parceria”, “É normal se

sentir triste, estressado, confuso, assustado e nervoso durante uma crise: converse com pessoas nas quais você possa confiar, como os amigos, familiares e membros da comunidade” (carinhas de emoji representando sentimentos).

Por fim, que entendamos a importância da escuta, das manifestações equilibradas de saberes e afetos neste mundo contemporâneo onde os estudantes, primeiramente, precisam sentir a vida para, então, a aprendizagem ocorrer; isso exige a articulação, mediação e o apoio dos profissionais da escola, não esgotando as possibilidades de colaborações intersetoriais, já que o foco formativo dos profissionais do magistério são os saberes relacionados à docência.

## CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS

A coordenação pedagógica e os estudantes, pelas evidências presentes ao longo do texto, estabeleceram processos pedagógicos e relacionais através da conexão estabelecida em tempos e espaços ressignificados pelas circunstâncias do momento e uso da tecnologia. Ou seja, isso foi importante para o processo de construção de vínculo entre a escola e os estudantes. Alguns recursos tecnológicos (celulares, computador, *notebook*, serviços de som, rádio, etc.) foram utilizados para fins de repositório de conteúdos e de situações relacionais, porque através dos mesmos as propostas de atividades foram socializadas, as escutas ocorreram, as mensagens de apoio e incentivo foram externadas, os sentimentos e emoções manifestados.

Transformaram-se em suportes para que os elos entre a escola e os estudantes fossem preservados, de modo que muitos desses últimos não se afastassem em definitivo do universo escolar nem se sentissem isolados e permanentemente enlutados pelas perdas tão abruptas. Isso foi salutar para a retomada das atividades letivas em 2021, considerando desde o contato para a matrícula e aproximação com a escola na fase inicial. Em suma, mesmo com os desafios, as atitudes tomadas geraram atos diversos de cuidado aos estudantes, que impulsionam um repensar acerca dos posicionamentos individuais e coletivos dos integrantes dos contextos escolares para engajá-los nas ações e atividades curriculares para

além do momento da pandemia. Entretanto, sem desconsiderar as necessidades de apoio de políticas públicas, intersetoriais, governamentais e institucionais.

Dessa forma, arguimos que as iniciativas norteadas por orientações institucionais e associadas à sensibilidade humana dos profissionais do Magistério podem contribuir para o bem-estar dos estudantes, enquanto sujeito integral, e para o prosseguimento aos estudos num espaço vivo e dinâmico. Há muito espaço na atual conjuntura para aprofundar este tema, mas essa já considera o quanto a educação para acontecer precisa de pessoas (professores, direção, coordenação pedagógica, estudantes, etc.) atuando colaborativamente de modo que acolham uns aos outros, de tal maneira que se sintam pertencentes e pertencidos num espaço inesgotável de aprendizagem, de (re) encontros – a escola. No durante, e pós-pandemia é importante o fortalecimento dos processos pedagógicos e relacionais, bem como, o estreitamento de vínculos para o estudante não se distanciar do contexto escolar. E todos os integrantes da escola devem envolver-se para isso ocorrer.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luarinda Ramalho de. SOUZA, Vera Maria Nigro de. **O Coordenador Pedagógico da contemporaneidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BAHIA. **Decreto n.º 19.529 de 16 de março de 2020**. Regulamenta, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-19529-de-16-de-marco-de-2020>. Acesso em: 17 mar. 2020a.

BAHIA. **Decreto nº 19.549 de 18 de março de 2020**. Declara Situação de Emergência em todo o território baiano, afetado por Doença Infecciosa Viral - COBRADE 1.5.1.1.0, conforme a Instrução Normativa do Ministério da Integração Nacional nº 02, de 20 de dezembro de 2016, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/>

documentos/decreto-no-19549-de-18-de-março-de-2020. Acesso em: 19 mar. 2020b.

**BNCC** - a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica. Organização Tereza Perez – São Paulo: Editora Moderna, 2018.

BOFF, Leonardo, **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BORBA, Francisco S.(Org.). **Dicionário UNESP: do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BRASIL. Diretrizes **Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Portaria nº 544, do Ministério da Educação, 16 de junho de 2020**. Disponível em:<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> Acesso em: 07 setembro 2021.

LUCCA, Lousane Arnold de. **Alfabetização Afetiva**. Ipiranga/São Paulo: Editora Vida & Consciência. l2001.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. [Reimpr.] Rio de Janeiro: EPU, 2018.

MORAN, José. **Metodologias Ativas de Bolso: Como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda**. São Paulo: Editora Brasil, 2019.

MORÉS, Andréia. **Investigação qualitativa em educação: tessituras com a metodologia estudo de caso**. In: STECANELA, Nilda. **Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador**. Caxias do Sul: Educus, 2012.

MORIN. **Um festival de incerteza**. Disponível em: Um festival de incerteza. Artigo de Edgar Morin – Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Acesso em: 19 Jun. 2020.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar/António Nóvoa, colaboração de Yara Alvim**. – Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, António. **Webconferência** Prof. António Nóvoa. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ef3YOcbERiM>> Acesso: 18 de set 2021.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. São Paulo: Edições SM, 2012.